TRANSFORMAÇÕES PRODUTIVAS E DO TRABALHO: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE ITAPOÁ/SC

Ivo Marcos Theis
theis@furb.br

Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional
Universidade Regional de Blumenau SC- Brasil

Jurandir Domingues Júnior
j dj39@zipmail.com.br
Universidade Regional de Blumenau- SC- Brasil

Anderson de Miranda Gomes
andlestat@hotmail.com
Universidade Regional de Blumenau- SC- Brasil

Resumo

Até recentemente os habitantes do município de Itapoá/SC gozavam dos benefícios de uma vida simples, com uma ampla possibilidade de viver experiências totalizantes com a natureza através do trabalho concreto. Contudo, nas três últimas décadas, mudanças significativas na estrutura produtiva com a introdução de atividades econômicas claramente ligadas ao modo de produção capitalista e ao fenômeno da globalização. O presente estudo se propõe então a identificar e analisar as transformações produtivas e do trabalho que afetaram o município de Itapoá/SC advindas de dois processos econômicos distintos: o surgimento do turismo de massa, na década de 90 e mais recentemente (2011) a implantação de uma zona portuária através da construção de um porto, administrado pela iniciativa privada. Para tanto, como metodologia, foi desenvolvida um pesquisa documental para obtenção de dados que permitissem caracterizar o território foco deste estudo, em termos geográficos, históricos, sociais e econômicos. Posteriormente se efetivou um levantamento bibliográfico com base nos seguintes pensadores: Marx (1983), Gorz (1989), Diegues (1990, 2001), Lipietz (1991), Santos (1996), Antunes (1999), Havey (1998), Oliveira (2000), Beni (2001), Ruschmann (2001), Barretto (2002), Sampaio (2005), Bastos (2006), Faria (2009) e Holloway (2011); que tem como função evidenciar as características básicas do modo de produção e do processo do trabalho vigentes no território estudado, em cada fase do recorte cronológico previamente escolhido. As conclusões obtidas apontam para uma descaracterização do espaço local, da produção, da organização do trabalho e do modo de vida tradicional, pela apropriação do território por novas dinâmicas econômicas que por sua vez tendem a ampliar a dominação do trabalho abstrato, impedindo que os moradores locais alcancem o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões. Por fim, são necessários estudos adicionais que esclareçam a influência de dois outros pontos na conformação da sociedade local: a especulação imobiliária e a organização dos trabalhadores.

Palavras-chave: produção, trabalho, transformações, Município de Itapoá.

1 Introdução

O presente estudo se propõe a identificar e analisar as transformações produtivas e do trabalho que afetaram o município de Itapoá/SC advindas de dois processos econômicos distintos: o surgimento do turismo de massa, na década de 90 e mais recentemente (2011) a implantação de sua zona portuária.

Para entender o processo de construção da atual dinâmica socioeconômica e ocupação territorial de Itapoá, é necessário recorrer às condições históricas anteriormente determinadas. Para Santos:

O entendimento dos lugares, em sua situação atual e em sua evolução, depende da consideração do eixo das sucessões e do eixo das coexistências. [...] cada ação se dá segundo o seu tempo; as diversas ações se dão conjuntamente (Santos, 1996:159).

Até o início da década de 90, com uma baixa taxa de ocupação territorial e uma base econômica consolidada em torno da pesca artesanal e da agricultura de subsistência, o município de Itapoá não havia sofrido grandes mudanças sócio-econômicas. No entanto, nas três últimas décadas, podem-se observar significativas modificações na estrutura produtiva da região com a introdução de novas atividades econômicas, vinculadas, principalmente, ao segmento do turismo e serviços portuários. Atividades claramente ligadas a um novo modelo econômico: a globalização.

A problemática é identificar e analisar as transformações, não somente empregando o passado para explicar o presente, mas perceber como a ação humana, pelo trabalho ligado a um determinado modelo de produção, interfere nos modos de vida da comunidade local e gera novos cenários socioeconômicos para o futuro.

O turismo, assim como tantas outras atividades econômicas, consolidou-se como um novo segmento dentro da ordem econômica mundial no século XX, com mais intensidade a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Evoluiu e estabeleceu bases sólidas em consequência de diversos fatores, dentre eles: acelerado desenvolvimento de novas tecnologias, evolução dos meios de transporte, o aumento da produtividade industrial, a divisão social e internacional do trabalho, o aumento do poder de compra das pessoas e a sensação de segurança resultante da restauração da paz no mundo (Ruschmann, 2001; Barreto, 1995).

O processo de globalização da economia, que trouxe a modernização dos modelos de produção (emprego de novas tecnologias), dominado agora pela constante busca do aperfeiçoamento da atividade produtiva e a maximização dos lucros, também impactou os serviços portuários, ou seja, as atividades laborais desenvolvidas nos portos e em seu entorno não ficaram alheias a esta nova realidade. O modelo neoliberal, de competição transnacional, exigiu do Estado, antes tutor do sistema portuário, uma dedicação maior à regulação da economia, e possibilitou que as atividades portuárias passassem ao domínio de organizações/corporações privadas. Deste modo, novas relações entre o capital e o trabalho passaram a permear as atividades desenvolvidas nos portos, afetando consequentemente o entorno territorial. No que diz respeito à evolução do modo de produção e da organização do trabalho este trabalho se baseia nos estudos de Marx (1983), Gorz (1989), Diegues (1990, 2001), Lipietz (1991), Santos (1996), Antunes (1999), Havey (1998), Oliveira (2000), Beni (2001), Ruschmann (2001), Barretto (2002), Sampaio (2005), Bastos (2006), Faria (2009) e Holloway (2011).

O presente estudo está organizado em cinco seções, qual inicia com esta introdução. A segunda seção apresenta a conformação do território alvo deste estudo nos seus aspectos históricos, geográficos e socioeconômicos. Após evidencia-se as transformações produtivas e do trabalho no município de Itapoá/SC advindas dos diferentes processos econômicos que historicamente foram construídos no decorrer da ocupação de seu território. Por fim constam as considerações finais deste trabalho, além das referências.

2 O Município de Itapoá

Localizado no litoral norte do Estado de Santa Catarina, seu nome advém da contemplação e admiração dos índios Carijós, pioneiros na região, que ao observar o comportamento das marés, percebiam o surgimento e o desaparecimento de uma pedra dentro do mar a 300 metros da praia. Assim, Itapoá, ou seu nome composto traduzido para o português “pedra que surge” corresponde uma percepção coletiva de um grupo inicial, os índios Carijós, que sentindo a necessidade de estabelecer sua localização e transmiti-la a posteridade, se apropriou do que lhes chamava mais atenção, a interação entre os elementos da natureza.

Inicialmente o povoamento de Itapoá estava vinculado ao município de São Francisco do Sul desde 1504, quando chegaram os primeiros colonizadores europeus, perten-

cendo na época ao distrito do Saí, freguesia de Nossa Senhora da Glória. Em 1966, ano em que Garuva foi emancipado, começou o movimento que elevaria Itapoá em 28 de setembro de 1968 ao status de Distrito de Garuva. Após a realização de dois plebiscitos, 18 de outubro de 1987 e 04 de setembro de 1988, em 26 de abril de 1989, Itapoá foi elevado ao patamar de município através da Lei Estadual nº 7.586.

O município de Itapoá localiza-se no Estado Federativo de Santa Catarina, com uma área de unidade territorial corresponde a aproximadamente 256,1 km², contando com 32 km de praias. O Município está afastado 254 km da capital Florianópolis, fazendo divisa com o Estado do Paraná ao Norte, mais especificamente com o município de Guaratuba. Ao Sul, faz divisa com o município catarinense de São Francisco do Sul, a Oeste se como município de Garuva e ao Leste com o Oceano Atlântico. A região de Itapoá está situada num espaço cujo relevo acidentado proporciona diferentes paisagens como colinas, montanhas com amplitudes de até 200 metros, planícies sedimentares que se estendem ao longo de sua costa, revelando além das praias abertas, baías, enseadas e pontas. Seu clima é o Tropical úmido, caracterizado por uma distribuição constante de chuvas ao longo do ano (precipitação anual de 1.904,00 mm), sendo que a temperatura média anual é de 20°C e a umidade relativa do ar, 87,18%¹. Além da Floresta Atlântica, outro ecossistema de enorme relevância é o manguezal. Este possui terrenos baixos, os quais estão sujeitos à ação direta das marés, que são formados por vasas lodosas propiciadoras do estabelecimento de comunidades vegetais e animais. Este ecossistema é responsável pelo equilíbrio e manutenção dos recursos pesqueiros marinhos e de água doce. O solo é álico, ou seja, possui alto teor de alumínio (maior que 50%) caracterizando uma grande acidez, tendo baixa fertilidade com teores extremamente baixos de nutrientes disponíveis às plantas.

2.1 Aspectos Sócio-econômicos: População, indicadores socioeconômicos, atividades econômicas.

Segundo IBGE (2010), atualmente a população do Município de Itapoá corresponde a 14.775 habitantes. Contudo, dados da Prefeitura Municipal de Itapoá (2012) em época de alta temporada, correspondente aos meses de dezembro a fevereiro, sua população flutuante chega a aproximadamente 200.000 pessoas.

¹ Os dados referentes aos aspectos físicos foram retirados do sítio eletrônico oficial da Prefeitura Municipal de Itapoá, Jornal do Tempo

Apesar de continuar sendo uma cidade de proporções pequenas, considerando seu número de habitantes, houve um crescimento progressivo da população nessas duas décadas posteriores a sua emancipação política e administrativa. Dados do Grupo de Pesquisas CALLIPOLIS – Políticas Públicas e Desenvolvimento, em sua pesquisa e seu relatório CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM SANTA CATARINA: Municípios, SDRs e Mesorregiões 2011², apontam que Itapoá foi terceiro município catarinense que mais cresceu segundo sua população, ou seja, considerando o período de 2000 a 2010, o incremento populacional foi de 67,16% (8.839 habitantes em 2000 para 14.775 em 2010). De acordo com o IBGE em seu relatório sobre o Censo 2010, a pirâmide etária e de gênero da população atual responde a uma aparente equidade entre os habitantes do sexo masculino (50,2%) e feminino (49,8%), com perfil jovem: 43,3% têm entre 15 e 44 anos de idade.

Em relação à população que vive na cidade e no campo, podemos observar segundo dados do SEBRAE e do IBGE que não houve uma substituição ou uma transferência da população do meio rural para o urbano, mas sim que o meio urbano atraiu consideravelmente maior número de indivíduos para seu espaço. Em 1991, a área urbana registrava 3.309 habitantes, ou seja, cerca de 83% da população e a área rural continha 698 habitantes correspondentes a 17% dos moradores de Itapoá. Os dados do Censo de 2010 apontam que atualmente vivem na área urbana 14.172 pessoas, 96% da população, contra 591 habitantes no meio rural, 4%. Apesar da discrepância entre as porcentagens referente ao número de habitantes entre os dois espaços, podemos observar que o número total de moradores na área rural não se distanciou muito do período de 91, o que permite considerar que não houve transferência significativa do campo pra cidade, mas um processo de migração exógeno para o meio urbano.

O IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, criado em 1990 pelo PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, tem o objetivo de mensurar o nível de desenvolvimento humano a partir de uma série de indicadores como educação, longevidade e renda. Este índice vai de 0 à 1, sendo que quanto maior o índice melhor a qualidade de vida daquela população. Os últimos dados referentes as pesquisas de 2000 mostram que Itapoá alcançou um nível de 0,793 referente ao seu IDH, ocupando a 159ª colocação no ranking do estado de Santa Catarina. Houve uma melhora, ou evolução de

² Relatório exposto no sítio eletrônico http://www.callipolis.org.br/images/arquivos/callipolis_rt1_crescimento_populacional_sc.pdf acessado em novembro de 2011.

13,1% comparado com o IDH de 1990, o qual apontava o índice de 0,701. Essa evolução no IDH se deveu pelo aumento substancial dos três fatores principais que incidem sobre o índice: educação com uma evolução de 12,6%; longevidade incremento de 12%; e a renda com uma progressão mais expressiva, 15,4%.

Outro índice que servirá de base para constatação da qualidade de vida dentro do município de Itapoá é o FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM)³. Este foi criado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro para acompanhar a evolução dos municípios brasileiros e os resultados da gestão das prefeituras. Trata-se de um estudo anual do Sistema FIRJAN que acompanha o desenvolvimento de todos os 5.564 municípios brasileiros nas áreas: Emprego e Renda, Educação e Saúde. Assim como o IDH, o índice varia de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento da localidade. O índice nos possibilita verificar se a melhora relativa ocorrida em determinado município decorre da adoção de políticas específicas ou se o resultado obtido é apenas reflexo da queda dos demais municípios. Em 2000, o município apontou como o 162º colocado no ranking de desenvolvimento do Estado, com o índice de 0,5901, considerado um nível de desenvolvimento regular. Em 2009, cujo resultado foi recentemente lançado neste ano de 2011, Itapoá apresenta um desenvolvimento moderado cujo índice apresentado é de 0,7731, ocupando a 29ª posição estadual. É importante ressaltar que no ano de 2011 foram obtidos os resultados dos anos de 2008 e 2009, sendo que a representação do primeiro relatório mostrou Itapoá tendo o índice acima de 0,8, o que lhe caracterizou uma situação de alto desenvolvimento. Não obstante, o que ainda força a diminuição dessa evolução é o fator renda e emprego que atualmente é de 0,6042 em contrapartida ao fator saúde, 0,8442 e educação, 0,8710.

A análise do PIB (Produto Interno Bruto) do município proporcionará uma análise da progressão do crescimento econômico no decorrer dos anos. O PIB representa a soma em valores monetários de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região durante um período determinado. O PIB é um dos indicadores mais utilizados na macroeconomia com o objetivo de mensurar a atividade econômica de uma região, sendo que este considera apenas os bens e serviços finais, excluindo da conta todos os bens de consumo de intermediário para se evitar uma dupla contagem. Em 1999, o PIB do município era de R\$ 32,4 milhões, sendo que sua participação frente ao total arrecadado dentro do estado o posicionava no 145º lugar. Dados atualizados com base

³ Todos os dados encontrados nesse artigo foram retirados da base de dados do Sistema FIRJAN e podem ser acessados pelo sítio eletrônico: <http://www.firjan.org.br>

em 2008 elevaram sua posição, passando a ocupar a 129ª posição no estado com o valor nominal de R\$ 120,4 milhões, representando um incremento de 71,85% na comparação destas duas posições anuais. Neste mesmo período de tempo o PIB do estado de Santa Catarina reconheceu um incremento de 68,4% (IPEA, 2012). Portanto, um nível de crescimento do município em linha com o crescimento estadual. Na avaliação dos setores produtivos de Itapoá em 2008 a agropecuária contribuiu com 9,22%, a indústria com 14,81% e os serviços com 75,96% do PIB municipal. Com base nas informações da Secretaria Estadual o setor de serviços desde 2006 foi o mais expressivo na composição do PIB no município, sempre respondendo por mais da metade da geração de riqueza, o que se reflete também nas questões de geração de renda e oportunidades de emprego. O setor primário, composto pelas lavouras, permanentes e temporárias, e pela agropecuária tiveram sempre um papel de menor importância na geração de renda e na expressão de trabalho. Como visto anteriormente, o solo álico não favorece o desenvolvimento de uma vocação nesse setor. Em relação ao segundo setor, ou seja, as indústrias (não as de serviço industrial de utilidade pública), Itapoá conta com 57 empresas formais, sendo que estas também têm uma participação não muito expressiva no PIB do município.

3 Transformações da Produção e Trabalho no município de Itapoá: o passado, o presente e o futuro.

A relação histórica do homem com a natureza, desde os seus primórdios até os dias atuais, pode ser resumida nas palavras do conceituado pensador Milton Santos:

No começo dos tempos históricos, cada grupo humano construía seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar do seu pedaço da Natureza os elementos necessários à sua própria sobrevivência. Organizando a produção, organizava a vida social e organizava o espaço, na medida de suas próprias forças, necessidades e desejos. A cada constelação de recursos correspondia um modelo particular. Pouco a pouco esse esquema se foi desfazendo: as necessidades de comércio entre coletividades introduziram nexos novos e também novos desejos e necessidades e a organização da sociedade e do espaço tinha de se fazer segundo parâmetros estranhos às necessidades íntimas ao grupo. Essa evolução culmina, na fase atual, onde a economia se tornou mundializada, e todas as sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total, de maneira mais ou menos explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos (Silva, Neves e Martins, 2011:44).

Apesar dos registros históricos correspondentes aos Sambaquis⁴ encontrados na região apontarem que esta era povoada desde os tempos pré-históricos, neste trabalho ter-se-á ao recorte cronológico que contempla a colonização iniciada com mais intensidade a partir do século XVII até 1971 (finalização da construção da BR 101), passando pela institucionalização de Itapoá como um município emancipado em 1989 até a implantação do porto em 2010 em seu território administrativo, e o cenário futuro. Contudo, convém destacar, que estudos antropológicos nos sítios arqueológicos locais apontam para um estilo de vida já ligado diretamente à pesca praticada pelos índios Carijós, depois chamados de Guaranis pelos europeus (Gaspar, 2004).

Segundo Diegues a atividade da pesca era amplamente praticada pelos antepassados:

A pesca, praticada pelos índios, é uma atividade anterior à chegada dos navegadores portugueses ao Brasil, e peixes, crustáceos e moluscos eram parte importante de sua dieta alimentar. Os inúmeros sambaquis, depósitos de conchas encontrados em sítios Arqueológicos ao longo do litoral atestam a importância da atividade da pesca e coleta. (Diegues, 1999: 361)

O quadro abaixo foi elaborado com base no pensamento de Marx (1983), Gorz (1989), Diegues (1990, 2001), Lipietz (1991), Santos (1996), Antunes (1999), Havey (1998), Oliveira (2000), Beni (2001), Ruschmann (2001), Barretto (2002), Sampaio (2005), Bastos (2006), Faria (2009) e Holloway (2011); e tem como função apresentar as características básicas do modo de produção e do processo do trabalho vigentes no território estudado, em cada fase do recorte cronológico previamente escolhido.

FASES	Século XVII ATÉ 1971 PASSADO	1971 -2010 PRESENTE	A PARTIR DE 2010 FUTURO
NATUREZA DO TRABALHO	Concreto	Abstrato	Abstrato
MEIO DE TRABALHO	Terra e o Mar	Unidades produtivas de serviços (Hotéis, Restaurantes, Supermercados, Farmácias, etc.)	Unidades produtivas de serviços + Sistema Portuário
SETOR ECONOMICO	Primário	Terciário	Terciário

⁴ Sambaqui é uma palavra de etimologia Tupi, língua falada pelos horticultores e ceramistas que ocupavam parte significativa da costa brasileira quando os europeus iniciaram a colonização. *Tamba* significa conchas e *ki* amontoado, que são as características mais marcantes desse tipo de sítio [...] são caracterizados basicamente por ser uma elevação de forma arredondada (Gaspar, 2004:9).

PRODUTO	Pesca Artesanal + Agricultura de Subsistência	Predominância do Turismo de Massa Sazonal	Turismo de Massa Sazonal + Serviços Portuários
CONDIÇÕES MATERIAS DO TRABALHO	Ditada pelas necessidades básicas	Ditada pela Demanda pelo serviço oferecido localmente	Ditada pela Demanda pelo serviço oferecido localmente + Demanda Internacional – Exportações e Importações
CONTROLE E PROPRIEDADE DOS MEIOS DE PRODUÇÃO	Produtores	Capitalista Individual	Corporações
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	Trabalho Coletivo + Reduzida divisão técnica do trabalho	Vínculo Empregatício com Divisão Técnica do Trabalho: especialização e diferenciação	Vínculo Empregatício e/ou OGMO ⁵ com Divisão Técnica do Trabalho: especialização, diferenciação e Equipes Multitarefa + Terceirização.
CLASSE OPERÁRIA	Não há	Trabalhadores Operários Especializados	Trabalhadores Operários Qualificados
ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA	Não há	Sindicato	Sindicato
ORIGEM DA MÃO-DE-OBRA	Local	Local + Externa	Local + Externa Qualificada
PROCESSO DE ACUMULAÇÃO	Reduzida	Acumulação Flexível ⁶	Acumulação Flexível

Quadro 1: Características do processo de produção e trabalho em cada fase histórica de Itapoá/SC

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Marx (1983), Gorz (1989), Diegues (1990, 2001), Lipietz (1991), Santos (1996), Antunes (1999), Havey (1998), Oliveira (2000), Ruschmann (2001), Beni (2001), Barretto (2002), Sampaio (2005), Bastos (2006), Faria (2009) e Holloway (2011).

3.1 O Passado

A faixa litorânea de Santa Catarina foi colonizada partir do Século XVII pelos colonizadores paulistas oriundos de São Vicente (conhecidos como vincentinos) e ganhou maior impulso com a vinda dos colonizadores europeus, principalmente os provenientes dos açores no século XVIII (Pereira, 2011). Contudo, a chegada destes novos moradores não alterou de forma significativa a organização produtiva e do trabalho nas regiões litorâneas de Santa Catarina. Diegues (1999) aponta que a pesca, agora não mais de subsistência, mas em uma modalidade denominada de artesanal passou a ser acompanhada de uma pequena produção agrícola, também conhecida como roçados. Neste cenário era comum que a divisão de tarefas estivesse configurada de uma forma em que os homens se

⁵ Órgãos Gestores de Mão-de-Obra, instituídos pela Lei nº 8.630/93.

⁶ A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (Harvey, 1993:140).

ocupassem das atividades relacionadas à pesca e as mulheres ficavam então responsáveis pelas tarefas domésticas e pelos cuidados da roça.

Bastos define a pesca artesanal ou de pequena escala como:

O pescado capturado é total ou parcialmente comercializado, Os pescadores podem ser proprietários dos barcos e petrechos ou utiliza-los em sistema de parceira com os proprietários. As embarcações são de pequeno e médio porte, motorizadas ou não. Os petrechos e insumos são relativamente simples, muitas vezes confeccionados pelos próprios pescadores. [...] é comum [...] que a tripulação seja formada por parentes. Nesta categoria de pesca é comum o sistema de partes para divisão do pescado capturado (Bastos, 2006:200).

Deste modo a pesca artesanal se apresenta como uma forma de produção pré-capitalista, com uma formatação que não considera uma lógica industrial, ou busca constante pela otimização da produção ou maximização de resultados financeiros. Consequentemente, não há produção de mais valia, e o trabalho concreto não é abstraído pela lógica de acumulação. A divisão do trabalho estava fundada basicamente na diferenciação das tarefas entre os membros do grupo familiar.

Na visão de Santos, este cenário pode ser apresentado como:

Quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo. Esse meio natural generalizado era utilizado pelo homem sem grandes transformações. As técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação (Santos, 1996:157).

Esta breve descrição das atividades, desde os primeiros colonizadores da região até o início da década de 70 encontra amplo respaldo na visão de Marx⁷ quando focamos o processo de trabalho. Neste determinado período se percebe que os bens produzidos pelos habitantes de Itapoá, sejam ele os petrechos de pesca, o pescado ou os produtos agrícolas apresentam apenas valor de uso, gerados através de um processo que se

⁷ Antes, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1983:149).

pode entender como trabalho concreto, dentro de um modelo de produção não utilitarista. Deste modo, a função primordial do trabalho era realizar o intercâmbio orgânico com a natureza, transformando essa nos bens materiais necessários à reprodução da sociedade, ou seja, mediar a relação entre o homem e a natureza. Assim, pertencendo à natureza, o homem subsiste pelo uso de recursos naturais, numa tarefa diária de transformação. Então, o ser humano usa sua capacidade (autonomia) de modificar o meio em que vive através de ações conscientes (criar possibilidades, estratégias, alternativas, tomar decisões, destruir e recriar), que se pode denominar como trabalho. O trabalho surge como agente para a produção de objetos necessários a sua sobrevivência, ou seja, satisfação de suas necessidades, não para a produção de mercadorias. Claramente o processo de acumulação é de nível reduzido, o excedente de pescados capturado era destinado à comercialização, não como forma de obtenção de lucros mais sim para que pudessem fazer frente às despesas oriundas da compra de outras matérias-primas e mercadorias necessárias a sobrevivência e a manutenção de seu modo de vida. Não havia uma operação de compra e venda antecedendo esse processo de trabalho concreto.

3.2 O Presente

Se no passado recente os habitantes de Itapoá desfrutavam da possibilidade de viver relações totalizantes, através do trabalho, com a natureza que estava ao seu redor, escolhendo o que lhe “podia ser útil para a renovação de sua vida: espécies animais vegetais, pedras, árvores, florestas, rios, feições geológicas” (Silva, Neves e Martins, 2011:43); o presente se mostra muito menos promissor já que o modelo que lhes foi imposto é o que hierarquiza o valor do trabalho pela produção de mercadorias (no caso: prestação de serviços) através da exploração da mais-valia.

No site institucional da Prefeitura Municipal de Itapoá (2012), a apresentação de como está constituída a base economia atual do município, está descrita da seguinte forma:

As bases econômicas do município são o turismo e Porto Itapoá. A costa itapoense proporciona aos turistas 100% de balneabilidade, com praias boas para banho com águas límpidas, quentes e areia branca; ideais para famílias com crianças. A cidade recebe na alta temporada, compreendida entre os meses de dezembro a fevereiro, cerca de 200 mil visitantes, movimentando todo o comércio local. A região também proporciona boas condições para a prática de esportes náuti-

cos como o surfe, o windsurfe, o jet-ski e barcos a vela, além da pesca esportiva.

O evento da implantação da zona portuária neste território será abordado na próxima seção deste trabalho. Por hora, o foco desta análise estará voltado para um fenômeno denominado de turismo, na perspectiva de Ruschmann (2001), Beni (2001), Barretto (2002) e Sampaio (2005). É importante ressaltar que não é objetivo deste estudo esgotar as diversas abordagens do assunto fenômeno turismo: sua história, suas modalidades, amplitude, tendências, etc., em si mesmo; mas evidenciar e entender como se deu sua formatação no município de Itapoá, e as transformações que provocou, principalmente nas relações de trabalho. No pensamento desses autores o turismo desponta como objeto de estudo complexo, com uma dinâmica própria, estreitamente ligada ao cenário econômico (Sampaio, 2005; Beni, 2001). Segundo Barreto (2002), a atividade turística tem um efeito multiplicador na economia local, já que faz uso dos três setores do sistema econômico para sua consecução: primário (fornecimentos de alimentos); secundário (construção) e terciário (serviços) para o atendimento das necessidades do turista; sendo capaz, portanto de gerar oportunidades de emprego e renda para os habitantes locais e divisas para o município.

Pereira (2003) aponta dois fatores importantes, como molas propulsoras, que despertaram o interesse não só dos habitantes dos estados vizinhos, mas de visitantes estrangeiros pelo estado de Santa Catarina e que acabou por impulsionar um fluxo significativo de turistas: 1) “A diversidade do meio natural e o mosaico sociocultural [...] dotaram Santa Catarina de uma grande diversidade de opções turísticas, embora o turismo efetivamente de massa no Estado esteja vinculado aos atributos naturais de sua orla marítima” (Pereira, 2003:115) e 2) a implantação da rodovia BR-101 na década de 70:

A inauguração da BR-101, rodovia federal, cujo traçado acompanha a linha da costa brasileira no sentido norte-sul, promoveu o contato entre os municípios do litoral catarinense e com os estados vizinhos, representando um marco na integração rodoviária do estado de Santa Catarina. Iniciada em 1953 e concluída em 1971, a BR-101 deixou à vista as belezas do litoral catarinense e tornou-se o caminho de um número crescente de veículos nacionais e estrangeiros que chegam ao litoral de Santa Catarina para o veraneio (Pereira, 2003:115).

A definição para a modalidade de turismo que domina atualmente a realidade de Itapoá pode ser conceituada como:

O turismo de massa é aquele desenvolvido, geralmente, de forma sazonal, que procura obter a maior rentabilidade no menor tempo possível, privatizando os lucros de curto e médio prazo e socializando os danos socioambientais em longo prazo. Geralmente ele acontece em regiões com forte apelo paisagístico. No Brasil, caracteriza-se pelo apelo sol-e-mar (Sampaio, 2005:11).

O turismo de massa tem grande repercussão sobre a organização do trabalho. O surgimento de uma miríade de novas atividades econômicas, que buscam atender as necessidades dos visitantes, acaba por criar uma série de novas ocupações laborais, e conseqüentemente novas relações de trabalho. Estas novas oportunidades, que são regidas essencialmente por vínculos empregatícios característicos do modelo capitalista, acabam por afastar os habitantes locais (pescadores e pequenos agricultores) das atividades econômicas tradicionais, principalmente os mais jovens em idade produtiva. Faltamente, passa a se registrar um amplo distanciamento entre o modelo tradicional de organização da produção e atividades laborais e o novo modelo, baseado na divisão do trabalho, gerando um rompimento do modo de vida tradicional; implicando no surgimento de um contexto de dependência total ao setor turístico. Um contexto totalmente estranho ao modo de vida anterior, ou seja, “criamos uma sociedade que se move de acordo com uma lógica dinâmica que não é controlada nem por nós, nem por ninguém [...] Segue sua própria lógica” (Holloway, 2011:161). E esta lógica, é a lógica da acumulação de capital; que opera segundo suas próprias leis, nem sempre tão flexíveis como imaginamos. Contudo, este modelo de produção é criação do próprio homem, como “um conjunto de leis que canalizam o fluxo de nossa atividade” (Holloway, 2011:163), desta forma, transforma nosso fazer, de homens livres, em atividades abstraídas de sentido, desconectadas umas das outras, e que só encontram sentido se for à busca da acumulação. Por extensão, o homem também, como executor das atividades, passa a mero instrumento, e a ser medido meramente por parâmetros quantitativos. Neste ponto, fica evidente então, a criação de uma forma de auto exploração “criamos uma sociedade que se baseia em nossa própria exploração” (Holloway, 2011: 163). Pode-se verificar, portanto, que para esse processo de auto exploração obter sucesso há uma condição inicial: “A transformação do fazer em trabalho abstrato é uma pré-condição da exploração capitalista. Sem, o trabalho abstrato não pode haver produção capitalista; sem produção de valor não pode haver a produção de mais valia” (Holloway, 2011:163).

Estudos específicos sobre o mercado de trabalho deste segmento, como o de Ouiriques, corroboram o pensamento de Holloway e apontam que:

[...] nos postos de trabalho ligados às atividades turísticas em Santa Catarina: a) são setores que pagam salários muito baixos, em relação à média catarinense e outras atividades econômicas; b) são setores que concentraram trabalhadores em faixas salariais muito baixas (até dois salários mínimos); c) são setores que tem um percentual muito significativo de trabalhadores não contribuintes para a previdência social (Ouriques, 2007:19).

Com relação à sazonalidade, é importante identificar um aspecto bastante controverso do fenômeno turismo. Antes ditada pelas necessidades dos pescadores, a materialidade do processo de trabalho, passa agora a depender da demanda pelos serviços (ligados ao turismo) oferecidos. A problemática desta temporalidade está representada em duas frentes. Por um lado, afeta de forma incisiva o retorno financeiro dos investimentos (lucro), pois concentra o retorno nos períodos de alta temporada. Por outro, e não menos nocivo, é um obstáculo à retenção de mão-de-obra (qualificada) nos períodos de baixa temporada. Nas duas frentes, a sazonalidade impede que pequenos negócios se consolidem ou sejam formalizados; nunca vindo a se tornar uma possibilidade concreta de melhores rendimentos ou fonte perene de geração de trabalho e renda.

Por fim, outro fato ponto que merece atenção é a carência de qualificação profissional dos membros das famílias de pescadores artesanais para competirem de forma igualitária em uma economia de mercado capitaneada pelo turismo de massa. Outras pessoas vindas de outros locais e dotadas de outras capacidades, de espírito empreendedor e principalmente de uma visão empresarial que já assimilava a lógica capitalista, assumiram a hegemonia do desenvolvimento econômico regional. O processo que culminou na criação do porto é um exemplo concreto deste cenário, como veremos a seguir.

3.3 O Futuro

A já desfigurada (pelo turismo de massa), Itapoá passa a conviver de forma mais recente com uma nova articulação do capital para manter seu processo de acumulação: a implantação de um porto de grandes dimensões em seu território, construído e administrado pela iniciativa privada. A ideia inicial de investir em Itapoá partiu do Conglome-

rado Battistella⁸ de implantar um terminal portuário que atendesse não apenas a demanda de exportação das suas empresas, como também pudesse atender a demanda da indústria do Estado de Santa Catarina, contribuindo com o desenvolvimento da região que é historicamente carente de infraestrutura portuária. Desde sua idealização até a sua conclusão e entrada em operação no ano de 2011 foram investidos cerca de R\$ 500 milhões (Site do Porto de Itapoá, 2012).

Dentro do processo de globalização, o transporte marítimo é o modal mais utilizado no comércio internacional, sendo que sua atividade está associada à movimentação de cargas em navios de diferentes tipos e dimensões e possuindo rotas que ligam os portos e regiões de todo o globo. No Brasil, o modal marítimo responde por mais de 90% do transporte internacional dos produtos comercializados nas trocas exteriores⁹.

Em termos de crescimento econômico, medido pelo PIB, o futuro de Itapoá estaria bem encaminhado, levando em consideração a evolução de dois outros municípios portuários bem próximos: 1) São Francisco do Sul: o porto foi privatizado e se expandiu em 1996 (Goularti Filho, 2008), proporcionando um incremento no PIB do município, considerando o período de 1996 e 2009, de significativos 702,4% (IPEA, 2012); 2) Navegantes: o porto já administrado pela iniciativa privada foi inaugurado em 2007 e o PIB do município sofreu um incremento de 173% em apenas quatro anos (IPEA, 2012). Como base de comparação, o PIB do Estado de Santa Catarina no período 1996 – 2007 apresentou um incremento de 252,2% (IPEA, 2012) e no período de 2007 – 2011 o incremento registrado foi de 17,80% (IBGE, 2012). Contudo, o aprofundamento da apropriação do território local por mais uma dinâmica utilitarista, aumenta o constrangimento sobre aqueles habitantes locais que ainda resistem em buscar seu sustento na economia tradicional.

O porto de Itapoá já nasceu dentro do modelo preconizado pela Lei nº 8.630/93, que passou a reger a atividade portuária no Brasil, e que foi marco institucional no processo de modernização dos portos. Seus efeitos foram significativos na transformação das relações capital x trabalho, promovendo inovações nas formas de organização do trabalho. Uma das inovações mais significativas instituídas foi o surgimento da figura dos Órgãos Gestores de Mão-de-Obra (OGMO) que têm a competência de administrar a

⁸ Grupo econômico de capital nacional aberto (S/A) fundado em 1949, formado por diversas empresas que opera atualmente em três setores distintos: Florestal, Veículos pesados e Logística. Sua receita líquida consolidada atingiu a marca de R\$ 1,08 bilhões em 31/12/2010 (Site Institucional, 2012).

⁹ Com uma costa de 8,5 mil quilômetros navegáveis, o Brasil possui um setor portuário que movimenta anualmente cerca de 700 milhões de toneladas das mais diversas mercadorias e responde sozinho, por mais de 90% das exportações. (Secretaria dos Portos, 2011).

oferta e a qualificação dos trabalhadores portuários, servindo como intermediários entre o capital e o trabalho, antes papel dos sindicatos organizados (Oliveira, 2000). Contudo, por estratégia dos administradores, o empreendimento utilizará a condição de terminal privativo de uso misto fora do porto organizado para não precisar requisitar, obrigatoriamente, trabalhadores avulsos ou ligados ao sistema do OGMO (Site do Porto de Itapoá, 2012).

Neste sentido, a flexibilização das relações trabalhistas é reflexo da constante busca pela racionalização de custos com vistas a se obter maior competitividade. No intuito de tornar os portos brasileiros competitivos a normatização das atividades portuárias busca respaldar investimentos privados, principalmente no que se refere aos investimentos em tecnologia e inovação organizacional, revolucionando o processo de trabalho tanto na organização da mão-de obra, como na qualificação do profissional portuário. Se de um lado gera o benefício da redução do excessivo contingente de trabalhadores avulsos com poucos direitos, por outro exige de trabalhadores multifuncionais, aptos para realização de várias tarefas diferentes. Em que pese à iniciativa da administração do porto de Itapoá, com relação ao compromisso de prover a comunidade local de formação e atualização profissional, e ainda manter um programa de preferência por mão-de-obra local (Site do Porto de Itapoá, 2012); não são suficientes para equiparar o nível de qualificação dos trabalhadores locais as exigências técnicas da nova realidade. O aumento da população através de migração é um indicativo desta situação. É importante destacar que a conjunção dos fatores: continuidade dos investimentos em tecnologia e/ou a ineficácia dos programas de formação pode criar futuramente um verdadeiro “exército de reserva” local, desestabilizando o mercado de trabalho por completo, com graves consequências sociais.

Portanto, o cenário que se desenha para este território na questão do processo e organização do trabalho é o de constante conflito. Conflito de várias dimensões, um conflito que só pode ser abordado através de uma visão holística, pautado na interdisciplinaridade devido seu perfil de extrema complexidade.

4 Considerações finais

O presente estudo tinha como objetivo identificar e analisar as possíveis transformações produtivas e do trabalho que afetaram o município de Itapoá/SC advindas de

dois processos econômicos distintos: o surgimento do turismo de massa, na década de 90 e mais recentemente (2011) a implantação de sua zona portuária.

Considerando o conjunto das transformações evidenciadas no município de Itapoá/SC, pode-se concluir que:

- A apropriação do território de Itapoá por diferentes tipos de empreendimentos operados dentro da lógica capitalista gerou uma ruptura total do modo de vida tradicional na sua essência, transformando a atividade humana (o fazer) vital em atividade profissional, impedindo o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões.
- Claramente a mudança da configuração da economia tradicional (pesca artesanal e agricultura de subsistência) para um modelo de produção capitalista - transvestido em turismo de massa e serviços portuários – é de difícil reversão (se não definitiva), e só tende ampliar a dominação do trabalho abstrato.
- Os novos processos econômicos exigem colaboradores de maior qualificação, o que pode significar para os moradores locais o fim de oportunidades reais de conversão de emprego e renda, já que não tem condições de competir neste novo mercado de trabalho em virtude de sua baixa qualificação profissional.
- Os aspectos abordados não permitem que se possa pronunciar qualquer uma das duas dinâmicas estudadas (turismo de massa e serviços portuários), como caminhos incontestáveis para um desenvolvimento sustentável nas diversas dimensões como as sugeridas por Sachs (1993), sendo apenas factível em termos de crescimento econômico medido pelo PIB;
- Serão necessários estudos mais aprofundados para se verificar outro efeito gerado na conformação do território, e que atinge de forma significativa o município de Itapoá: a especulação imobiliária, que pode ter alimentado o turismo de massa, e vice-versa;
- Por fim, são também importantes estudos complementares que envolvam a organização dos trabalhadores através dos sindicatos e outras instituições, formais ou não, que influenciem na organização da sociedade local.

5 Referências

ANTUNES, R. L. C. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 258 p.

BARRETTO, M. (2002). *Planejamento e organização em turismo*. 7. ed. Campinas, SP : Papirus, 101p.

BASTOS, G. C. (2006). Atividade pesqueira na Baía da Babitonga. In: CREMER, M. J.; MORALES, P. R. D; OLIVEIRA, T. M. N. *Diagnóstico ambiental da Baía da Babitonga*. Joinville: Ed. UNIVILLE, 256 p.

BENI, M. C. (2001). *Análise estrutural do turismo*. 6. ed. atual. São Paulo: Ed. do SENAC, 516p.

BRASIL. Secretaria dos Portos. Disponível em: <http://www.portosdobrasil.gov.br/sistema-portuario-nacional>. Acesso em: 11/03/2012.

DIEGUES, A. C. S. (2001). *A sócio-antropologia das comunidades de pescadores Marítimos no Brasil*. Disponível em: http://www.marsol.ufba.br/twiki/pub/MarSol/ItemAcervo46/Vol_iii_N2_361-376.pdf. Acesso em: 07/03/2012.

_____, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo : Hucitec, 2001. 169p.

FARIA, J. H. (2009) *Gestão participativa: relações de poder e de trabalho nas organizações*. São Paulo: Atlas, 250p.

FILHO, A. G. (2008). O porto de São Francisco do Sul na dinâmica regional catarinense. *Nova economia*. Belo Horizonte, v. 18, n. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512008000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07/03/ 2012.

GASPAR, M. (2004). *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 89p.

GORZ, A. (1989). *Crítica da divisão do trabalho*. Tradução Estela dos Santos Abreu. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 248 p.

HARVEY, D. (1998). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7. ed. Sao Paulo: Loyola, 349p.

HOLLOWAY, J. (2011) El trabajo abstracto domina: La abstracción del hacer en trabajo es la creación de una totalidad cohesiva regida por leyes sostenidas por la explotación del trabajo. IN: Agrietar el capitalismo. El hacer contra El trabajo. Buenos Aires: Ediciones Herramient.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 01/03/2012.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br>. Acesso em: 01/03/2012.

LIPIETZ, A. (1991). *As relações capital-trabalho no limiar do século XXI*. In: Ensaios FEE, Porto Alegre. pp. 101-130.

MARX, K. O Método da Economia Política. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Trad. de Maria H. B. Alves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

OLIVEIRA, C. T. (200). *Modernização dos portos*. 3. ed. São Paulo: Aduaneiras. 242 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPOÁ (2012). Dados histórico/geográficos. Disponível em: <http://www.itapoa.sc.gov.br>. Acessado em: 25/01/2012.

PEREIRA, R. M. F. A. (2003). *Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformação recentes*. Geosul: Revista do Departamento de Geociências. Florianópolis, v. 18, n. 35, jan./jun.

OURIQUES, H. R. *Turismo em santa catarina: notas sobre o mercado de trabalho no setor*. Cadernos de Economia - Curso de Ciências Econômicas – Unochapecó, Ano 11, n. 21, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://apps.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rce/article/viewFile/282/144>. Acesso 07/03/2012.

RUSCHMANN, D. M. (2001). *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 199p.

SACHS, I. (1993). *Estratégias de Transição para o Século XXI, desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Studio Nobel.

SAMPAIO, C. A. C. (2005). *Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 146 p.

SANTOS, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 308p.

SILVA, E. ; NEVES, G. R. e MARTINS, L. B. (Org.) (2011). *Milton Santos: O espaço da cidadania e outras reflexões*. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães.

SINGER, P. (1994). *Ética Prática*. Martins Fontes: São Paulo. Cap. 10: O meio ambiente, pp. 279-304.